

ÉCHO D'ALÉM TÚMULO: IMPRENSA E DIFUSÃO DO ESPIRITISMO NO BRASIL (1869-1870)¹

Leonardo Ferreira de Jesus²

O campo religioso baiano na segunda metade do século XIX

Mesmo sendo a religião oficial do Império, detentora do monopólio de atribuições civis e religiosas, o catolicismo enfrentou muitas dificuldades nos oitocentos. David Gueiros Vieira, em *O protestantismo, a maçonaria e a questão religiosa no Brasil*, nos apresenta uma Igreja Católica politicamente enfraquecida pelo “uso e abuso do direito do padroado”, economicamente dependente de “côngruas mesquinhas”, com um clero “envolvido em política” e sendo acusado de “violador do celibato” (Vieira, 1980, p.27). Émile G. Léonard, em *O Protestantismo Brasileiro: estudo de Eclesiologia e História Social*, tal como Vieira, inicia sua obra apresentando um quadro geral do catolicismo, ressaltando a carência de religiosos que suprissem as necessidades dos fiéis no vasto território brasileiro (Léonard, 2002).

Esses problemas, sobretudo os morais, preocuparam bastante os líderes católicos. Já na primeira metade do século XIX, o Arcebispo da Bahia, D. Romualdo Antônio de Seixas apontou a necessidade de se formar um clero “de vida santa” para depois se exigir um povo católico com características semelhantes às de seus guias. Além de uma vida santa, D. Romualdo destaca a necessidade de uma boa formação para os candidatos ao sacerdócio, além de exigir dos bispos um exame rigoroso de tais candidatos (Azzi, 1984, p. 17-38).

Na década de 1860, não bastassem os problemas internos, a Igreja Católica ainda teve de enfrentar a concorrência protestante e espírita. Léonard também destaca a ação dos primeiros missionários e missões estrangeiras que se estabeleceram em várias regiões do Brasil, inclusive da Bahia, apresentando inúmeros exemplos em que católicos reagem, muitas vezes com violência, à presença protestante. Pedras e excrementos eram atirados nos locais de culto, fiéis eram insultados e ameaçados, batismos em praias foram impedidos pela polícia, sepultamentos foram proibidos etc. Nesse contexto, muitos protestantes encaravam o combate ao catolicismo como sua principal missão, por isso, não ofereciam a outra face (Léonard, 2002, p. 125, 128). Já o discurso espírita do período, como se observará mais adiante, tinha um tom mais conciliador.

Luiz Olympio Telles de Menezes e o espiritismo na Bahia

O espiritismo é o conjunto de princípios e leis que, segundo seus adeptos, foram revelados pelos “Espíritos Superiores”. Esses princípios e leis estão contidos nas obras do pedagogo francês Allan Kardec (Hippolyte Léon Denizard Rivail) que constituem a Codificação Espírita: *O Livro dos Espíritos*, *O Livro dos Médiuns*, *O Evangelho segundo o Espiritismo*, *O Céu e o Inferno* e *A Gênese*. Allan Kardec inicia a codificação do espiritismo na década de 50 do século XIX, suas obras rapidamente se espalharam pela França, estendendo-se também com certa velocidade pela Europa, pela América do Norte e pela América do Sul (SAUSSE, s/d, p. 9-49). Em 1859 Allan Kardec escreveu, oferecendo “respostas a algumas das principais perguntas que nos são diariamente dirigidas”, *O que é o espiritismo*. No preâmbulo dessa obra, define o espiritismo como “uma ciência que trata da natureza, origem e destino dos Espíritos, bem como de suas relações com o mundo corporal” (Kardec, s/d, p. 50).

Um dos maiores difusores das doutrinas espíritas no Brasil foi o jornalista Luiz Olympio Telles de Menezes. O “Grupo familiar dos estudos espíritas”, considerado o primeiro centro de estudos espíritas no Brasil, foi fundado em 17 de setembro de 1865 por Telles de Menezes na província da Bahia (Telles de Menezes, 1874, p.3). O conhecimento da língua francesa foi fundamental para que em 1866 Telles de Menezes publicasse a *Filosofia Espiritualista*, fruto da tradução da parte inicial de *O Livro dos Espíritos*. Contendo os princípios fundamentais do espiritismo, a *Filosofia Espiritualista* teve seus mil exemplares esgotados nos primeiros meses de sua publicação, sendo lançada uma segunda edição em 1867. Porém, foi neste ano que o Arcebispo da Bahia, D. Manoel Joaquim da Silveira, analisando a obra de divulgação do espiritismo, fez circular uma *Carta Pastoral Premunindo os seus Diocesanos contra os erros perniciosos do Spiritismo* (Silveira, 1867). Meses após a divulgação da pastoral, Telles de Menezes escreveu uma *Carta ao Excellentissimo e Reverendissimo Senhor Arcebispo da Bahia D. Manoel Joaquim da Silveira*, onde rebate as acusações do prelado católico (Telles de Menezes, 1867).

Em *Vozes do Céu: os primeiros momentos do impresso kardecista no Brasil*, Magali Oliveira Fernandes nos apresenta um excelente relato contextual da inserção do espiritismo na Bahia focando no papel fundamental de Telles de Menezes e do *Écho d’além túmulo*

(Fernandes, 2010). A autora, além de fazer uma análise editorial do periódico, apresenta uma breve exposição de seu conteúdo. Diante disso, *Vozes do céu* nos mostra que essa revista foi publicada bimestralmente entre os anos de 1869 a 1871, tendo como conteúdo artigos de escritores brasileiros e estrangeiros, além de apresentar textos psicografados por médiuns de vários países. Como afirma Fernandes: “Dos seis primeiros números impressos na tipografia do *Diário da Bahia*, Luiz Olympio chegou a fazer um compêndio, equivalente a um livro, como resultado do primeiro ano de sua publicação, correspondente ao período de julho de 1869 a maio de 1870, compondo um total de 304 páginas.” (Fernandes, 2010, p. 53)

Esse trabalho visa analisar as seis publicações presentes no compêndio acima citados, onde tentamos compreender como o periódico apresentou o espiritismo aos seus leitores, bem como se defendeu daqueles que os apontavam como seguidores de “doutrinas de demônios”, tentando preencher lacunas do trabalho de Fernandes.

***Écho d’além túmulo* – apresentação e defesa do kardecismo na Bahia**

O primeiro número do *Écho d’além túmulo: monitor do espiritismo no Brasil* foi publicado em julho de 1869. Na introdução, escrita por Telles de Menezes, observa-se um panorama da expansão do espiritismo nos Estados Unidos, na Europa e no Brasil. Telles de Menezes destaca que o Brasil não poderia ficar indiferente às “muitas publicações consagradas à propagação das doutrinas espíritas que na América e na Europa tem surgido”. Dessa forma, ele apresenta o periódico da seguinte maneira:

Iniciando, pois, a publicação do *Écho d’Além-Tumulo, Monitor d’o Spiritismo no Brasil*, não temos por fim fazer propaganda a todo o transe das ideias espíritas; nosso intuito é *estudar os fenômenos*, que se nos apresentam por maneira tão extraordinária, quanto admirável; e não fazendo monopólio de luzes, buscamos a imprensa para registrar todos os fatos, que tiverem lugar em nossas reuniões, feitas, unicamente, no interesse de sermos úteis aos nossos irmãos em Jesus Cristo, e para que os homens em geral, revestindo-se de boa vontade, e procurando despojar de si o espírito de controvérsias, de divisão, de egoísmo e de vaidade, possam encontrar um meio seguro de observação e de estudo.³
[Grifo meu]

A ideia de estudar e observar os fenômenos e doutrinas espíritas é levado a sério por Telles de Menezes. Ele afirma que para compreender o espiritismo é necessário, “além de boa vontade, um longo e sério estudo”.⁴ Nos seis números analisados observamos muitos

artigos que apresentam temas básicos da doutrina espírita. Muitos desses artigos são traduções de textos de Allan Kardec ou de textos publicados em periódicos espíritas europeus, sobretudo franceses. O artigo “O que ensina o espiritismo”, por exemplo, foi traduzido da *Revue Spirite*. O autor do texto (Kardec) afirma que o espiritismo contribuiria para o “progresso moral” da humanidade. Em vários números do *Écho d’além túmulo* que analisei, Telles de Menezes também enfatiza o “caráter moralizador do espiritismo”. Ele afirma que a publicação do periódico seria o “cumprimento de um dever moral” dos espíritas.⁵

Outro importante colaborador do *Écho d’além túmulo* no Brasil foi o médico Ignacio José da Cunha. No artigo “O espiritismo no Brasil”, publicado em duas partes (Ano, n. 2 e 3), Cunha afirma que “civilizadora e santa é a missão do espiritismo”.⁶ As ideias de “progresso moral” e missão “civilizadora” são bastante caras aos primeiros espíritas brasileiros. Porém, tais ideias não são exclusividade deles. Tratando majoritariamente da inserção dos protestantes no Brasil e seus principais expoentes, David Gueiros Vieira em *O Protestantismo a maçonaria e a questão religiosa no Brasil religiosa no Brasil* nos mostra como esses ideais também estiveram presente nos discursos dos primeiros protestantes brasileiros (Vieira, 1980, p.83, 95). Ambos os grupos, duramente atacados pelo Arcebispo da Bahia como seitas que ameaçavam a religião oficial do Império, tiveram a necessidade, cada um a seu modo, de destacar seu papel “civilizador”.

Enquanto grupos protestantes enfatizavam suas diferenças em relação ao catolicismo, o espiritismo se apresentou em tom conciliador. Nas páginas do *Écho d’além túmulo*, o “progresso da civilização” se daria com maior rapidez quando todas as crenças se unissem. No artigo já citado acima, Ignacio José da Cunha afirma que os espíritos fariam todos conhecer que

[...] a religião católica é a verdadeira religião de Deus... *O Espiritismo faz com que todos se cheguem à religião católica, que é a verdadeira religião* [...] Basta o estudo comparado das obras espíritas de mais voga, confrontadas em referência às diversas épocas de sua publicação, para assaz reconhecer-se a marcha do Espiritismo incessantemente ao seu fim primordial, ao alvo da missão dos Espíritos superiores, à *unidade de crenças religiosas*, à *fusão de todas elas no Catolicismo*.”⁷ [Grifo meu]

Outro autor que contribui para o impresso, José Francisco Lopes, em estudo sobre a “Necessidade da manifestação dos Espíritos”, também afirma que o “adiantamento moral da humanidade” se daria com a “unidade das crenças”.⁸

A não negação do catolicismo revela, entre outras coisas, as várias abordagens do espiritismo do período. Como afirma Célia da Graça Arribas, o fato do espiritismo ser “ao mesmo tempo, *científico, filosófico e religioso* que causou polêmicas por onde passou” (Arribas, 2008, p 35). No *Écho d’além túmulo* aparecem as três abordagens citadas. Em seu segundo número, publicado em setembro de 1869, a maior parte das páginas são dedicadas a homenagens a Allan Kardec (que havia falecido em 31 de março do mesmo ano). O astrônomo francês, adepto do espiritismo, Camille Flammarion pronunciou um discurso no sepultamento de Kardec. Esse discurso foi reproduzido no periódico brasileiro com o seguinte título: “O espiritismo e a ciência”. No dito texto Flammarion afirma que o “espiritismo não é uma religião, mas uma ciência – ciência da qual só conhecemos o abc.”⁹ No artigo intitulado “A vida eterna”, também de autoria de Flammarion, há a referência à “filosofia espiritualista”.¹⁰

O *Écho d’além túmulo* também reproduziu mensagens psicografadas de *médiuns* do Brasil e no exterior. Em uma dessas mensagens, provenientes da sociedade espírita de Paris, o “espírito de Lamennais”, através do *médium* M. A. Didier afirma que “a religião espiritualista é a alma do cristianismo.”¹¹ Entre as abordagens científica, filosófica ou religiosa, essa última foi a que mais gerou polêmicas no Brasil. Nesse aspecto, os espíritas tiveram que conviver com a acusação de pertencerem a uma “seita”, a uma “doutrina de demônios”.

Em vários momentos, o *Écho d’além túmulo* se propõe a defender o espiritismo de seus detratores. Como já destacamos no início deste trabalho, o Arcebispo da Bahia D. Manoel da Silveira foi um dos primeiros a sublinhar os “perigos” do espiritismo. Na *Carta Pastoral Premunindo os seus Diocesanos contra os erros perniciosos do Spiritismo* (1867), o Arcebispo encarou essas manifestações espíritas como fábulas, ou até manifestações do “Espírito das trevas”. As últimas páginas da pastoral são utilizadas justamente para afirmar que os “pretendidos mortos que respondem desobedecem a Deus”, logo são “demônios” que estão sempre prontos a enganar. Dessa forma encerra enfatizando que: “Manifestamente nenhum outro senão o Espírito das trevas pode obedecer a estas interpelações culpáveis. A comunicação com os Espíritos é então, nem mais nem menos, o comércio com os demônios” (Silveira, 1867, p.23).

O professor Casimiro Lieutaud, outro importante colaborador do impresso espírita brasileiro, no artigo “O espiritismo não é obra do demônio” afirma:

“Por certo já muitas provas se tem dado bastante concludentes de que não é o espiritismo a obra do demônio, bem como alguns acreditam e outros fingem acreditar. [...] Não tendo as comunicações de além túmulo tendência alguma a conduzir os homens ao ateísmo, poder ser elas obra do demônio? [...] Acha-se demonstrado que nenhuma doutrina, mais do que o espiritismo, é capaz de inspirar os sentimentos da humanidade cristã: invocamos nisso o testemunho de quantos tem a felicidade de conhecer essa doutrina eminentemente regeneradora.”¹²

O argumento de Lieutaud é simples. Para ele, uma doutrina demoníaca levaria a humanidade ao ateísmo. Já o espiritismo, por ter como “objeto principal a caridade”, só poderia proceder de Deus.¹³

Ignacio José da Cunha também apresenta defesa às tentativas de associar as manifestações dos espíritos à ação de demônios. Na “Certeza das manifestações dos bons espíritos” é interessante observar como José da Cunha responde às acusações de que os espíritos seriam o anticristo. Utilizando várias passagens bíblicas e até um catecismo ele diz:

Se é do anticristo que vos receais, os tempos estão assinalados, e salientes são por demais os seus caracteres: “O anticristo há de vir por pouco tempo antes do fim do mundo, e só depois que o Evangelho houver sido anunciado a todos os povos da terra” (Catecismo impresso por ordem do Bispo de Montpellier, Carlos Joaquim Colbert, e traduzido para o português: Lisboa 1770) [...] Finalmente, diz o precitado catecismo: “A perseguição do anticristo não será muito dilatada. A sagrada Escritura dá a entender que não durará mais que três anos e meio.” *Entretanto, mais de quinze anos se dá nos diversos pontos da terra a manifestação dos Espíritos.*¹⁴ [Grifo meu]

Ou seja, segundo José da Cunha, o espiritismo havia passado pela prova do tempo. A persistência seria a evidência de que as manifestações não tinham parte com o demônio, a prova de que os espíritos não eram o anticristo.

Todos os números do *Écho d'além túmulo* que analisamos apresentam várias comunicações espíritas. Os médiuns brasileiros não são identificados com seus nomes completos, normalmente aparecem suas iniciais. No primeiro número do impresso observamos que a capacidade de receber mensagens “d'além túmulo” não era uma exclusividade masculina, em quinze de janeiro de 1867 “Dona E.” teria recebido uma comunicação de Santo Agostinho.

Cada edição da revista espírita continha uma seção dedicada à “manifestação dos espíritos”. Além de personagens como S. Agostinho, o Anjo de Deus, Cristovam Colombo e o próprio Allan Kardec, várias comunicações são atribuídas a espíritos familiares dos médiuns. Muitas delas, em tom de instrução, chamam atenção contra o materialismo e a descrença nos espíritos. O médium J.M, por exemplo, foi aconselhado por um espírito

chamado Luiz Offenbach a “ler sempre a Bíblia”. Mais interessante ainda é ver como, em forma de versos, o “espírito familiar do médium” encerra sua comunicação:

15

Oh! quanto é bella A paz de um'alma, Tranquilla e calma, Sem sombr'escura; Cheia d'encantos, E de um perfume; Qu'em si resume Doce ventura!	Manso remanço, Que corre ameno, Doce e sereno, Por fin'-arêia; Ahi reflecte N-os planos lindos D'os Ceos infindos Que a luz arrêia.
Oh! quanto é bella A paz de um'alma, Tranquilla e calma Sem sombr'escura!	Manso remanço, Que corre ameno, Doce e sereno Por fin'-arêia.
E' doce estrella N-o mar d'a vida, Não esquecida D'o navegante; Si elle lh'-ólha, A doce estrella Lhe-luz tão bella N-o mar constante.	Tal é tão bella, Meo filho d'alma, A paz tão calma, Tão doce e pura; Onde não vê-se Nem falsa estrella, Nem luz mentida Nem treva impura.
E' dóce estrella N-o mar d'a vida, Não esquecida D'o navegante.	Tal é tão bella Meo filho d'alma A paz tão calma, Tão doce e pura.
A DEOS!	LUIZ-OFFENBACH (Espírito-familiar d'o Medium.)

Considerações finais

Longe de ser exaustivo, esse trabalho visou analisar os seis números publicados no primeiro ano de ação do *Écho d'além túmulo: monitor do espiritismo no Brasil*. Tentamos compreender como o periódico apresentou o espiritismo aos seus leitores, bem como se defendeu daqueles que os apontavam como feiticeiros pertencentes ao “candomblé dos brancos” (Fernandes, 2010, p. 49). Apesar dos ataques que recebeu, o espiritismo conseguiu se estabelecer no Brasil. Muitos de seus adeptos foram ridicularizados e perseguidos. Porém, em “Breve resposta aos detratores do espiritismo”, publicado na sexta edição do impresso espírita brasileiro, Allan Kardec afirmou que

a propagação do espiritismo desde o princípio seguiu uma marcha constantemente ascendente, não obstante tudo quanto se fez para estorva-lo e alterar seu caráter, com o fim de desacredita-lo na opinião pública. Deve-se até notar que *tudo que se fez nesse intuito favoreceu sua difusão*; o rumor que surgiu a seu respeito levou-o ao conhecimento de pessoas que dele nunca tinha ouvido falar; quanto mais procurou-se calunia-lo ou ridicularizá-lo, quanto mais violentas foram as investidas, tanto mais excitada foi a *curiosidade pública*[...] seus adversários tornaram-se, sem querer, os seus ardentes propagadores.¹⁶ [Grifo meu]

Diante das tentativas de desqualificar a doutrina espírita, seus adversários acabaram chamando a atenção de pessoas que se quer tinham conhecimento de sua existência. Assim, o *Écho d'alm túmulo*, assumiu a importante função de oferecer aos interessados e curiosos pelos assuntos espíritas as bases para examinar seus ensinamentos, contribuindo para que estes, como afirmou Kardec, pudessem "se informar de boa f, não junto aos adversários, mas na própria fonte, do que ele está aprovado ou reprovado."¹⁷

Fontes impressas

O Écho d'alm túmulo: monitor do espiritismo no Brasil, publicado sob a direção de Luiz Olympio Telles de Menezes, Anno I, n.1 a 6, Bahia: Typografia do Diário da Bahia, 1870.

TELLES DE MENEZES, Luiz Olympio. Carta ao Excellentissimo e Reverendissimo Senhor Arcebispo da Bahia D. Manoel Joaquim da Silveira, 2^aed. Precedida de um Prefácio, e esclarecida com algumas notas Bahia: Tip. De Camilo de Lellis Masson & C., 1867.

_____. Relatório da Associação Spiritica Brasileira, Bahia: Typografia de Francisco Queirolo, 1874.

SILVEIRA, Manuel Joaquim da. Carta Pastoral Premunindo os seus Diocesanos contra os erros perniciosos do Spiritismo, Bahia: Tip. De Camilo de Lellis Masson & C., 1867.

Referências bibliográficas:

ALBUQUERQUE, Eduardo Basto de. Distinções no Campo de Estudos da Religião e da História. In: GUERRIERO, Silas (Org.). O Estudo das Religiões: Desafios Contemporneos. São Paulo, Paulinas, 2003.

ARRIBAS, Celia Graça. Afinal, espiritismo  religião? A doutrina espírita na formação da diversidade religiosa brasileira. Dissertação (Mestrado em Sociologia), USP, São Paulo, 2008.

AZZI, Riolando D. Romualdo Antnio de Seixas, arcebispo da Bahia (1827-1860) e o movimento de reforma católica no Brasil. In: AZZI, Riolando & COSTA E SILVA, Cândido da. Dois estudos sobre D. Romualdo Antnio de Seixas, arcebispo da Bahia. Salvador: UFBA/Centro de Estudos Baianos, 1984, p.17-38.

BOURDIEU, Pierre. A Economia das Trocas Simbólicas. 6^a ed., São Paulo, Perspectiva, 2005.

CÉSAR, Elben M. Lens. História da Evangelização do Brasil. Viçosa-MG, Ultimato, 2000.

COUTO, Edilece Souza. Tempo de Festas: Homenagens a Santa Bárbara, N. S. da Conceição e Sant'Ana em Salvador (1860-1940), Tese (Doutorado em História), Assis-SP, Universidade Estadual Paulista, 2004.

DREHER, Martin N. Protestantismos na América Meridional. In: SIEPIERSKI, Paulo D. e GIL, Benedito M. (org.) *Religião no Brasil: enfoques, dinâmicas e abordagens*. São Paulo, Paulinas, 2003.

FERNANDES, Magali Oliveira. *Vozes do Céu: os primeiros momentos do impresso kardecista no Brasil*, 2ª Edição, São Paulo, Annablume, 2010.

KARDEC, Allan. *O que é o espiritismo? Noções elementares do mundo invisível, pela manifestação dos espíritos*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, s/d, p. 50.

LÉONARD, Émile. *O Protestantismo Brasileiro: estudo de Eclesiologia e História Social*. 3ª ed. São Paulo e Rio de Janeiro, ASTE, 2002.

MENDONÇA, Antônio Gouvêa. *O Celeste Porvir: a inserção do Protestantismo no Brasil*. 3ª ed. São Paulo, EDUSP, 2008.

RODRIGUES, Cláudia. Sepulturas e sepultamentos de protestantes como uma questão de cidadania na crise do Império (1869-1889). In: *Revista de História Regional*, Ponta Grossa-PR, v.13, n. 1, 2008.

SAUSSE, Henri. Bibliografia de Allan Kardec. In: Allan Kardec. *O que é o espiritismo? Noções elementares do mundo invisível, pela manifestação dos espíritos*. Rio de Janeiro: Federação Espírita Brasileira, s/d, pp. 9-49.

SILVA, Cândido da Costa e. *Os Segadores e a Messe: O Clero oitocentista na Bahia*. Salvador, Edufba, 2000.

SILVA, Elizete da. *O Protestantismo Brasileiro: Um Balanço Historiográfico*. In: SIEPIERSKI, Paulo D. e GIL, Benedito M. (org.). *Religião no Brasil: enfoques, dinâmicas e abordagens*. São Paulo, Paulinas, 2003.

_____. *Cidadãos de Outra Pátria: Anglicanos e Batistas na Bahia*. Tese (Doutorado em História) Universidade de São Paulo - USP, 1998.

_____. *Conflitos no Campo Religioso Baiano: Protestantes e Católicos no Século XIX*. Sitientibus, Feira de Santana, p. 51-67, 1999.

SILVA, Maria da Conceição. *Catolicismo e casamento civil na Cidade de Goiás: conflitos políticos e religiosos (1860-1920)*. *Revista Brasileira de História*, São Paulo/SP, v. 23, n. 46, p. 123-146, 2003.

SCHWARTZ, Stuart B. *Cada um na sua lei: tolerância religiosa e salvação no mundo atlântico ibérico*. São Paulo, Companhia das Letras, EDUSC, 2009.

TEIXEIRA, Marli Geralda. *Os Batistas na Bahia, 1882-1925; um estudo de História Social*. Salvador, UFBA, 1975.

VIEIRA, David Gueiros. *O Protestantismo, a Maçonaria e a Questão Religiosa no Brasil*. 2ª edição, Brasília, Universidade de Brasília, 1980.

WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. 12ª edição, São Paulo, Pioneira, 1997.

Notas

¹ Trabalho apresentado no XIII Simpósio da ABHR, 29/05 – 01/06 de 2011, São Luís (MA), GT 06: Religiões Afro-brasileiras e espiritismos.

² Mestrando em História pela Universidade Federal da Bahia. Bolsista pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).

³ *O Écho d'além túmulo: monitor do espiritismo no Brasil*, publicado sob a direção de Luiz Olympio Telles de Menezes, Anno I, n.1, Bahia: Typografia do Diário da Bahia, 1869, p. 6.

⁴ *Ibid.*, p.2

⁵ *Ibid.*, p.8 e 51.

⁶ *O Écho d'além túmulo...* Anno I, n.3..., p.110

⁷ *O Écho d'além túmulo...* Anno I, n.2 e n.3..., p. 94, 110 e 111.

⁸ *O Écho d'além túmulo...* Anno I, n.5... 1870, p. 211

⁹ *O Écho d'além túmulo...* Anno I, n.2... , 1869, p. 74

¹⁰ *O Écho d'além túmulo...* Anno I, n.5... 1870, p. 226

¹¹ *O Écho d'além túmulo...* Anno I, n.6... 1870, p. 253

¹² *O Écho d'além túmulo...* Anno I, n.3... , 1869, p. 105-107.

¹³ *Ibid.*, p.107

¹⁴ *O Écho d'além túmulo...* Anno I, n.1... , 1869, p. 25.

¹⁵ *O Écho d'além túmulo...* Anno I, n.4... , 1870, p. 180

¹⁶ *O Écho d'além túmulo...* Anno I, n.6... , 1870, p. 262

¹⁷ *Ibid.*, p. 260